

O Diário de Turma na vida de um grupo de Jardim de Infância

Aurora Sofia R. Garcia*

Introdução

A presente pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Programa de Investigação-Formação do Movimento da Escola Moderna Portuguesa.

Este trabalho surge na perspectiva de fomentar no professor/educador um trabalho de investigação da sua prática pedagógica, tornando-a num processo sistemático e organizado, com recolha de documentação, registo de informações e tratamento de dados, com vista a uma atitude investigadora perante a própria profissão, desenvolvendo, em simultâneo, uma atitude reflexiva.

Isabel Alarcão (2001) defende que “esta atitude e actividade de pesquisa contribuem para o desenvolvimento profissional dos professores e para o desenvolvimento institucional das escolas” (p. 2).

No âmbito deste Programa de Investigação-Ação defini como componente a investigar a implementação do instrumento de pilotagem Diário de Turma/Grupo, fixando como questão a responder *Como é que as crianças entendem a função do Diário?*.

O Diário de Turma é um instrumento do modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna Portuguesa, através do qual é implementado o princípio da participação democrá-

tica na vida da escola e, futuramente, na sociedade.

Este ano, tenho um grupo de crianças muito participativo: elas escrevem sozinhas no Diário sobre coisas que acontecem durante o dia para depois exporem o problema/o seu ponto de vista. Mas será que elas estão a utilizar devidamente este instrumento? Todas as crianças participam?

A partir dos momentos de escrita livre, pretendi saber quem escreve, o que escreve, como, em que momentos e porque escreve, e aprofundar se estou a promover a participação das crianças no Diário enquanto instrumento promotor de uma comunidade cooperativa; se as crianças entendem a sua função, se o utilizam no seu correcto sentido.

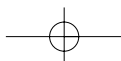
Fundamentação Teórica

Este trabalho de investigação pressupõe uma pesquisa teórica. Procurei fazer várias leituras que me ajudassem a perceber melhor as questões inerentes ao Diário de Turma e que constituíssem um suporte teórico ao tema.

O Diário de Turma utilizado, hoje em dia, como instrumento de pilotagem do modelo pedagógico da Escola Moderna Portuguesa decorre, em termos históricos, do Jornal de Parede de Freinet.

Para Freinet, a escola tradicional da época revelava-se, “nas suas finalidades e métodos, reaccionária, antidemocrática e agente de alie-

* Educação Pré-Escolar.



nação, representando uma ameaça para o equilíbrio físico, psíquico e moral do indivíduo.” (Nunes, 1989/90, p. 15). Em oposição a esta linha de pensamento, Freinet introduziu novos instrumentos e técnicas de ensino, cuja finalidade consistia em formar indivíduos conscientes do seu papel de homens e cidadãos na luta por uma nova sociedade.

A pedagogia Freinet construiu-se como uma pedagogia social que partia da motivação do aluno, da sua cultura e se adaptava às exigências da época. Freinet acreditava que a escola deveria privilegiar o desenvolvimento da autonomia, da cooperação e da criatividade na criança.

A Assembleia de Turma, a partir do Jornal de Parede, permitia a cada um apresentar as suas propostas, dar o seu ponto de vista nas discussões e ouvir o dos outros, organizar o trabalho, propor actividades e resolver problemas. As crianças tomavam nas suas mãos a vida escolar: estabeleciam as suas leis, discutiam-nas e tentavam aplicá-las.

Hoje, o modelo pedagógico da Escola Moderna Portuguesa, baseado nas teorias sócio-culturais, assenta num conjunto de princípios estratégicos que se operacionalizam em metodologias activas e diferenciadas de trabalho pedagógico, promotoras da participação democrática e do desenvolvimento sociomoral dos alunos. Já dizia António Sérgio que a escola deveria ser espaço de formação ética, resultante de uma prática reflexiva em torno da acção comunitária, dando destaque às vivências que os alunos fazem em conjunto, sendo por meio dessa vida em cooperação que cada um aprende a ser cidadão (Serralha, 2009).

Da avaliação social fundada na assembleia cooperativa de Freinet passou-se a uma regulação fixada em Conselho de Cooperação Educativa que consiste na reunião de todos os membros da turma (alunos e professores) para discutir e tomar decisões sobre os vários assuntos da turma, quer no âmbito das relações sociais que se estabelecem no grupo, quer no

que diz respeito à avaliação e programação do trabalho.

O Diário de Turma é assumido, na definição de Sérgio Niza (1991), como “a memória histórica e registo cultural de um grupo de alunos com o seu professor, ou de uma escola” (p. 27). É o instrumento mediador que assegura o controlo da execução das actividades e dos projectos combinados e que dá lugar ao debate das normas de convívio e dos comportamentos sociais do grupo. Esta regulação social do grupo e do processo de negociação torna o Conselho de Cooperação Educativa como o centro de tomada de decisões democraticamente negociadas.

Durante a semana, alunos e professor registam livremente no Diário de Turma as ocorrências que consideram mais relevantes, para que não fiquem esquecidas, assegurando que essas questões sejam discutidas, que todos e cada um possam dar as suas opiniões e sugestões acerca da vida do grupo. É um instrumento essencial para dar espaço à voz da criança e para promover a participação activa dos alunos nos processos de tomada de decisão sobre aquilo que lhes diz respeito.

Para além deste aspecto, pode-se também entender que o Diário de Turma possui uma dimensão curricular referente ao processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Já dizia Vigotsky que “ler e escrever devem ser coisas de que a criança necessite (...) [e] escrever deve ser relevante para a vida” (citado por Folque, 1999, p. 10). As crianças, ao escreverem, sobre o que acontece ao longo do dia ou registando sugestões de trabalho, estão a ampliar as suas experiências de leitura e de escrita, dando à escrita um verdadeiro sentido social.

Este instrumento, pelos fins pedagógicos já referidos, é utilizado em todos os níveis de ensino, desde o pré-escolar até ao ensino superior, pelos professores que adoptam o Modelo do Movimento da Escola Moderna.

O Diário poderá dispor das mesmas categorias em qualquer nível de ensino dado que se trata de um instrumento mediador (de registo)

do processo de planeamento e avaliação do trabalho intelectual e do desenvolvimento moral e social dos educandos (Niza, 1991, p. 28).

Os registos no Diário de Turma repartem-se por quatro colunas, correspondendo geralmente a quatro áreas: as ocorrências negativas e positivas, as realizações mais significativas e as propostas/sugestões de trabalho a realizar.

O modelo pedagógico da Escola Moderna Portuguesa assume a promoção do desenvolvimento moral e cívico das crianças como uma das suas principais finalidades. Nas duas primeiras colunas escrevem-se os juízos negativos e positivos sobre as ocorrências mais significativas ao longo da semana, que se prendem essencialmente com as questões sociais e morais.

António Sérgio defendia que “se a escola lhe não fornece condições para genuínos actos sociais (...) a doutrina moral resulta oca, verbalista, cadavérica e, pelo tanto ineficaz” (citado por Serralha, 2001b, p. 55), sublinhando ainda que “a escola tem de ser um espaço de formação ética e não de discursos moralizadores, que prepara as crianças, pelas vivências do dia-a-dia, para a vida adulta” (citado por Serralha, 2001b, p. 56).

Mas isto acontece porque neste modelo pedagógico se promove um clima de livre expressão dos alunos que, ao ser multiplicador das interações comunicativas, oferece diversas oportunidades de promover o crescimento para as crianças.

Na opinião de Sérgio Niza (1991), o Diário de Turma possui ainda uma vertente de “catalisador emocional” (p. 28). Segundo esta perspectiva, as crianças, ao escreverem sobre os problemas e os conflitos que as atingem, também estão a aprender a conter a sua impulsividade, a evitar agir de forma emotiva e a racionalizar as suas emoções através da escrita.

Estas ocorrências são debatidas à sexta-feira. A possibilidade de explicitar, semanalmente, os eventos que consideram injustos ou errados faz com que a livre discussão desses

registos negativos em Conselho possibilite a gestão cooperada de conflitos e dela possam emergir as regras de convivência social. É importante que os alunos possam reflectir sobre as suas vivências; ao fazê-lo, usufruem dos direitos que lhe estão consignados, preparando-se para a vida adulta. A resolução cooperada do que corre mal na escola e no grupo permite uma consciencialização colectiva dos incidentes sensibilizando, não só os implicados como todos os colegas, a evitarem situações idênticas no futuro. Estes momentos caracterizam-se como exercícios de verdadeira democracia, dando espaço à negociação, ao acordo e aos compromissos.

Em suma, segundo este modelo pedagógico, o desenvolvimento social e moral de uma criança é estimulado com a criação de um contexto, de um instrumento de registo (Diário de Turma) e de uma estrutura (Conselho de Cooperação Educativa) num tempo semanal para fazer a regulação da vida e do trabalho na turma. Desta forma, os incidentes vividos, depois de registados e discutidos, permitem a elaboração de um conjunto de normas que proporcionam o desenvolvimento sociomoral e o crescimento humano a todos os alunos.

Para além de motor do desenvolvimento sociomoral, o Diário de Turma é, enquanto instrumento que operacionaliza o princípio da cooperação educativa, o impulsor da planificação e avaliação do trabalho e das aprendizagens na prática pedagógica da Escola Moderna Portuguesa.

A terceira coluna – designada geralmente por *Fizemos* – destina-se ao registo das realizações consideradas mais significativas ao longo da semana e traduz a avaliação cooperativa do trabalho escolar. A quarta coluna é um espaço destinado a propostas e sugestões, exercendo uma influência mais directa na planificação cooperada do trabalho a realizar.

À semelhança do que fazem nas colunas anteriores, os alunos são livres, durante a semana, de escrever sobre as realizações da turma e de inscrever novas sugestões de traba-

lho no Diário de Turma. Desta forma, a participação dos alunos é também uma constante nas actividades de planificação e avaliação do trabalho educativo desenvolvido pela turma, constituindo uma forma de partilhar com as crianças o poder de decisão e a avaliação dos seus percursos de aprendizagem e de regulação dessa caminhada em colectivo.

Semanalmente, à sexta-feira, em Conselho de Cooperação Educativa, todos os registos são lidos e discutidos, fazendo-se um balanço sobre o trabalho que foi realizado, e apontando orientações para a vida e trabalho do grupo, a partir das inscrições no Diário de Turma.

É por esta vivência – pondo à prova os valores humanos que sustentam a justiça, a reciprocidade e a solidariedade – que a organização do trabalho e o exercício do poder partilhados virão a transformar os estudantes e os professores em cidadãos implicados numa organização em democracia directa.

(...) Esta relação democrática pressupõe a gestão cooperada do currículo escolar – o que compreende o planeamento e a avaliação como operações formativas de todo o processo de aprendizagem (MEM, s.d.)

Em conclusão, o Diário de Turma é o “(...) meio de que o Conselho dispõe para realizar as suas finalidades educativas” (Niza, 1991, p. 28). É a ferramenta que permite que o princípio da cooperação educativa, enquanto estrutura organizativa do trabalho na sala de aula, se concretize, assumindo-se a escola como uma experiência de democracia directa. Sem este instrumento, a escola, segundo o modelo pedagógico da Escola Moderna Portuguesa, não seria um espaço de iniciação às práticas democráticas, que permitem, no futuro, a inserção plena dos cidadãos na vida da sociedade.

Contextualização

O presente trabalho de pesquisa decorreu no Jardim de Infância n.º 2 do Entroncamento,

pertencente à rede pública de Educação Pré-Escolar, que se localiza no centro da cidade do Entroncamento, no distrito de Santarém. É um Jardim de Infância com 96 crianças distribuídas por quatro salas.

O grupo de crianças da sala 4 é heterogéneo, no que respeita a idades e géneros, e composto por 22 crianças, distribuídas da seguinte forma:

	3 anos	4 anos	5 anos	Sub-total
Feminino	3	6	4	13
Masculino	0	7	2	9
Sub-total	3	13	6	22

Quadro 1 – Distribuição do grupo de crianças

Destas 22 crianças, 13 frequentaram este jardim de infância no ano lectivo anterior, 6 frequentam pela primeira vez e 3 vieram de outros estabelecimentos de educação pré-escolar e nenhuma delas havia experimentado anteriormente a metodologia do Movimento da Escola Moderna.

Logo no início do ano, as crianças revelaram uma excelente adaptação ao jardim de infância, à nova educadora e à nova organização da sala, sendo um grupo muito interessado, participativo e conversador. Frequentemente e com gosto se envolviam nas actividades propostas ou escolhidas e faziam muitas propostas de trabalho. Embora fosse um grupo bastante autónomo, como ainda não tinha trabalhado segundo esta metodologia, no início, foi necessário dar apoio individualizado para que as crianças adquirissem autonomia no saber fazer (planear, ir buscar o material sozinho, escrever o nome, etc.).

Na organização do espaço educativo, pretendi oferecer um ambiente estimulante, atractivo, procurando organizar a sala de modo a permitir às crianças serem protagonistas do seu conhecimento, oferecendo-lhes oportunidades de realizarem experiências activas e significativas dentro das diferentes

áreas curriculares. Devido à sua dimensão física, a organização do espaço obedece também a um critério de versatilidade e funcionalidade. A sala possui as seguintes áreas para trabalho autónomo: matemática, ciências, mesa da escrita, computador, faz-de-conta, jogos de construção, jogos didácticos, biblioteca e expressão plástica. A sala possui ainda uma área polivalente com uma mesa grande que serve de apoio a várias actividades, e está próxima do placard com os instrumentos de pilotagem.

Em termos de dinâmica da sala, a organização do tempo e das actividades procura corresponder às orientações do modelo pedagógico do M.E.M., adequado à especificidade do grupo de crianças e ao funcionamento deste Jardim de Infância, compreendendo actividades dedicadas às várias áreas curriculares de acordo com as Orientações Curriculares Para a Educação Pré-Escolar (Lopes da Silva, 1997), com momentos de trabalho em grande grupo, em pequeno grupo, a pares e individual. Desta

forma, é possível aos adultos apoiarem individualmente as crianças que necessitam; às crianças mais velhas ajudarem os mais novos; e aos pares apoiarem-se mutuamente.

A rotina no jardim de infância decorre da seguinte forma (*ver Quadro 2*).

A manhã é preenchida fundamentalmente com actividades centradas no trabalho autónomo e na execução de projectos, com a distribuição das crianças pelas várias áreas de actividades, conforme o que ficou planificado, enquanto a tarde é preenchida por actividades curriculares, sociais e culturais de grande grupo.

A gestão democrática, inerente a toda a prática educativa, é facultada pela organização do espaço e do tempo e pela implementação dos instrumentos de pilotagem.

Os instrumentos de pilotagem, ou seja, os mapas existentes na sala, têm como objectivo auxiliar a organização do grupo durante as actividades, possuindo ainda o carácter de perdurar informações sobre o que já aconteceu, não

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9.00	Acolhimento: marcação de presenças e inscrições para Contar, Mostrar e Escrever Bons-dias, conversa e registo escrito de textos Planificação em Conselho das actividades a realizar Trabalho autónomo/ Projectos Avaliação do Mapa de Actividades				
10.30	Lanche Recreio no exterior				
11.30	Comunicações				
12.00	ALMOÇO				
13.30	Jogos de mesa				
14.00	Trabalho Curricular Comparticipado	Animação Cultural ou Balanço da Visita de Estudo	Trabalho Curricular Comparticipado	Animação Cultural	Reunião de Conselho de 6.ª feira
15.00	Balanço do dia				
15.30	SAÍDA				

Quadro 2 – Distribuição da rotina semanal

deixando de possuir uma componente de aprendizagem curricular. São eles: o Diário de Turma/Grupo, o Mapa de Presenças, o Mapa de Actividades e o Quadro de Tarefas e os Inventários.

A estratégia prioritária da gestão democrática consiste na organização do grupo, adultos e crianças, enquanto Conselho de Cooperação Educativa, onde todos têm uma palavra a dizer sobre tudo o que se passa na sala, onde se planeia, executa e avalia o trabalho desenvolvido na sala, individualmente ou em grupo, assente no verdadeiro exercício da democracia e da cooperação.

Presente em vários momentos:

- diariamente pela manhã quando o grupo se reúne para planear as actividades a realizar;

À segunda-feira lemos a coluna *Queremos fazer* do Diário de Turma, onde estão registados os planos de trabalho que se mantêm da semana anterior. Planeia-se o que é possível fazer para aquele dia e distribui-se o trabalho pelos implicados. As crianças com texto escrito permanecem na mesa, onde ilustram a sua notícia, preenchem lacunas, etc. As restantes vão registar no Mapa de Actividades a área onde vão trabalhar, de acordo com os projectos enunciados no Diário ou para trabalho autónomo.

- na realização de tarefas de manutenção da sala;

As responsabilidades da sala são asseguradas pelas crianças, tendo um carácter rotativo mensal mediante inscrição individual, embora sejam executadas a pares. Ao desempenhar determinada tarefa, a criança sente-se responsável e útil, contribuindo para a vida cooperativa e social do grupo.

- quando se efectua o registo das ocorrências positivas ou negativas, das actividades ou das aspirações no Diário de Turma;

Ao longo do dia, as crianças são livres de registarem no Diário o que entendem. Um dos acordos internos da sala é que as crianças devem evitar interromper alguns momentos de trabalho para vir contar o que aconteceu, de modo a evitar as “queixinhas” junto do adulto (que pressupõem a resolução externa do conflito e não a autonomia) e são encorajadas a escrever no Diário para poderem falar sobre o acontecido no final do dia. Com esta segurança de que o dia não vai acabar sem que tenham oportunidade de falar sobre o que as inquietou, as crianças aguardam o momento de balanço do dia.

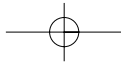
- quando o grande grupo se reúne para fazer o balanço do dia;

No final de cada dia, fazemos um balanço do que ocorreu de mais significativo, e as crianças que escreveram no Diário explicam aos colegas o que registaram, expondo o problema, a sugestão, etc. ao grupo.

- e na reunião semanal de sexta-feira.

À sexta-feira à tarde realiza-se a reunião semanal de Conselho de Cooperação, onde se faz a avaliação semanal, com a leitura e discussão dos registos inseridos no Diário de Turma, a avaliação das tarefas e se elabora uma previsão de trabalho para a semana seguinte.

Concretamente, lemos todos os registos na coluna do *Não Gostamos* e fazemos um debate sobre o seu conteúdo geral, sobre o que é ou não importante, sobre o que deve ser escrito nesta coluna, salientando, por vezes, o que foi mais grave, no sentido de encontrar uma solução para a resolução do problema como, por exemplo, a elaboração de uma nova regra de sala. Fazemos o mesmo para a coluna do *Gostamos*, elogiando as acções ou reflectindo sobre a necessidade de ter um olhar mais apurado sobre as coisas positivas que acontecem e que não ficam registadas. Relemos a coluna do *Fizemos* para relembrar o que conseguimos realizar e a coluna *Queremos fazer*, analisando o que



já foi realizado, o que ainda queremos realizar ou deixando cair algumas sugestões que já não têm interesse para o grupo.

Trabalho de Pesquisa

Objectivos

Os objectivos deste trabalho de pesquisa são: perceber se estou a promover a participação das crianças no Diário de Turma enquanto instrumento promotor de uma comunidade cooperativa; se as crianças entendem a sua função; se o utilizam no seu correcto sentido; e se todas as crianças participam.

Ao recolher e analisar os Diários de Turma, pretendo traçar o percurso da vida deste grupo de crianças, fazendo uma comparação entre o início do ano lectivo e o fim do 2.º período lectivo.

Pretendo, ainda, contribuir para o esclarecimento da sua função pedagógica, como instrumento de apoio e incentivo ao desenvolvimento sócio-moral e instrumento de planeamento e avaliação do trabalho educativo na vida do grupo.

Metodologia

Os dados deste estudo dizem respeito aos registos no Diário de Turma, nas quatro colunas que o compõem. Por considerar que as crianças, nos momentos em que escrevem sozinhas no Diário, estão a fazer uso do seu direito de livre expressão dos seus pensamentos, defini estes registos formulados espontaneamente pelas crianças sobre o quotidiano da vida do grupo como dados a recolher neste estudo.

Foram recolhidos, num conjunto de 25 Diários, 251 registos escritos, desde Setembro de 2009 a Março de 2010. Foi nessa altura, fim do segundo período, em que se procedeu ao início do tratamento dos dados recolhidos.

Por não se poder separar o Diário de Turma dos momentos de Conselho de Cooperação

Educativa, por vezes, a informação colhida será completada com alguns comentários das crianças e reflexões da educadora, recolhidos sob a forma de notas de campo.

Os dados recolhidos foram organizados em tabelas com o registo fotográfico do que as crianças escreveram e respectiva explicação, para facilitar o tratamento dos dados. Foram também elaboradas tabelas mensais para levantamento do número de registos em cada coluna e por cada criança, de modo a perceber quem escrevia e onde escrevia.

A análise de conteúdo foi organizada a partir de um sistema de categorias. Embora não se tivesse partido de categorias pré-definidas, e estas resultassem da análise dos elementos recolhidos, foram tidos em consideração na sua definição os estudos de Filomena Serralha (1992) e de Fátima Vieira (2004).

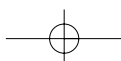
Os dados foram distribuídos por 21 categorias, agrupadas em 6 blocos de informação, ilustrados com alguns indicadores e exemplos, para melhor especificação do que se insere em cada categoria, conforme apresentado no quadro 3.

Apresentação dos Resultados

Os dados recolhidos foram analisados sob diferentes perspectivas, procurando apresentar respostas às questões levantadas no início deste projecto de investigação-ação.

Assim, em resposta à questão de quem escreve no Diário de Turma verifiquei que, embora seja um grupo muito participativo, três crianças do grupo nunca escreveram. Contrariamente, conforme os dados apresentados no gráfico 1, existem crianças muito participativas, com grande número de registos, como é o caso da Mariana, com 55 registos, e do Tomás A. com 34 registos (*Gráfico 1*).

Uma vez que este foi o primeiro ano que as crianças experimentaram esta organização democrática, verificou-se uma apropriação progressiva do Diário de Turma ao longo do 1.º período. O primeiro obstáculo a superar foi a questão da escrita, uma vez que as crianças tinham interiorizado a noção de que não sabiam



O DIÁRIO DE TURMA

(Proposta de categorização dos dados recolhidos)

Blocos de Informação	Categorias	Indicadores	Exemplos
A Ocorrências entre crianças	1. Agressão física ou verbal	É onde se enquadram registos relativos a acções de agressão como empurrar, bater ou outra forma de magoar o outro física ou verbalmente.	Não gostei que o Tomás P. e o Daniel batassem um ao outro. Diogo, D. T. 19 a 23 Out.
	2. Afecto	É onde se enquadram juízos relativos a demonstrações de afecto.	A Maria e a Nicole são minhas amigas. Ana Rita, D.T. 9 a 13 Nov
	3. Danos materiais	É onde se enquadram registos relativos a tirar ou estragar trabalhos, objectos pessoais ou comuns.	Não gostei que o Daniel e o Tiago estragassem o jogo das histórias. Tomás A., D.T. 9 a 13 Nov
	4. Manifestação de inter-ajuda	É onde se enquadram juízos relativos a manifestações de inter-ajuda, ou à ausência dela.	O Tomás A. ajudou-me a arrumar os carimbos. Tiago, D. T. 19 a 23 Out.
	5. Questões relacionadas com a partilha	É onde se enquadram juízos (positivos ou negativos) relativos a partilhar objectos ou espaços.	O Francisco não nos deixou jogar à bola. Tiago, D.T. 18 a 22 Jan
	6. Conduta desajustada	É onde se enquadram juízos relativos a comportamentos desadequados à actividade desenvolvida ou aos padrões morais.	O Rodrigo e o João Tiago portaram-se mal na aula de ginástica. Nicole, D. T. 19 a 23 Out.
B Ocorrências de desenvolvimento e aprendizagem	1. Autonomia	É onde se enquadram referências relacionadas com a aquisição de autonomia individual.	A Leonor já consegue pôr a palhinha no leite. Tomás A., D.T. 9 a 13 Nov
	2. Questões relativas à aprendizagem	É onde se enquadram as referências à progressão na aprendizagem.	Eu fiz as actividades todas. João T., D.T. 15 a 19 Mar
	3. Experiências novas	É onde se enquadram as referências a experiências não vivenciadas anteriormente.	Gostei de fazer o trabalho dos crocodilos com os meninos. Tiago, D.T. 12 a 16 Out
C Ocorrências de organização e funcionalidade da turma	1. Transgressão ou cumprimento de regras da sala	É onde se enquadram as questões relativas às regras de funcionamento estabelecidas na sala, excluindo as agressões físicas.	A Constança passou-me à frente no comboio. Nicole D.T. 5 a 8 Jan
	2. Utilização de espaços e materiais	É onde se enquadram juízos relativos à correcta ou incorrecta utilização dos espaços ou dos materiais, assim como juízos sobre trabalhar fora das áreas ou períodos próprios.	Eu não gostei que os meninos misturassem as cores das plasticinas. Mariana, D.T. 30Nov a 4Dez
	3. Higiene e limpeza	É onde se enquadram juízos relativos à higiene pessoal e limpeza dos espaços.	A Sofia deitou água para o chão. Mariana, D. T. 19 a 23 Out.
	4. Juízos sobre a responsabilidade nas tarefas ou trabalhos	É onde se enquadram juízos relativos ao incumprimento ou mau desempenho no trabalho ou tarefas distribuídas.	Não gostei que a Margarida deitasse muita comida no Holly Poppy. Sofia D.T. 8 a 12 Mar
	5. Juízos sobre a utilização dos instrumentos de pilotagem	É onde se enquadram juízos relativos à utilização dos instrumentos de pilotagem (Diário de Turma, Mapa de Actividades e Presenças e Quadro de Tarefas).	À hora de arrumar, quando fui para pintar a actividade, as bolinhas do meu nome já estavam todas pintadas. Tomás P., D.T. 26 a 30 Out.
	6. Outros juízos relacionados com a organização da turma	É onde se enquadram juízos relativos à organização ou funcionalidade da turma que não se enquadram nas categorias anteriores.	Eu não gostei que a Sofia não andasse para a frente e ralhou com os meninos. Mariana, D.T. 18 a 22 Jan.
D 1 - Referências a realizações significativas para a vida do grupo		É onde se enquadram os registos das actividades ou projectos realizados, registados na coluna Fizemos.	Hoje fizemos o desenho do São Martinho. Tomás P., D.T. 9 a 13 Nov
E Sugestões de trabalho	1. Projectos	É onde se enquadram as sugestões de trabalho registadas na coluna Queremos fazer.	Quero fazer um trabalho sobre crocodilos. Tiago, D. T. 6 a 9 Out.
	2. Actividades experimentais		Queremos fazer a experiência do vulcão. João T., D.T. 9 a 13 Nov
	3. Actividades plásticas		Eu quero enfeitar a nossa sala de Natal. Sofia, D.T. 30Nov a 4 Dez
	4. Outras sugestões		Queremos fazer o jogo das histórias. Tatiana, D.T. 19 a 23 Out
F 1 - Registos em colunas erradas		É onde se enquadram os registos que as crianças inseriram no Diário, mas na coluna incorrecta.	Eu fiz um jogo. Mária, D.T. 9 a 13 Nov, coluna do Gostamos

Quadro 3 – Categorias para análise de conteúdo

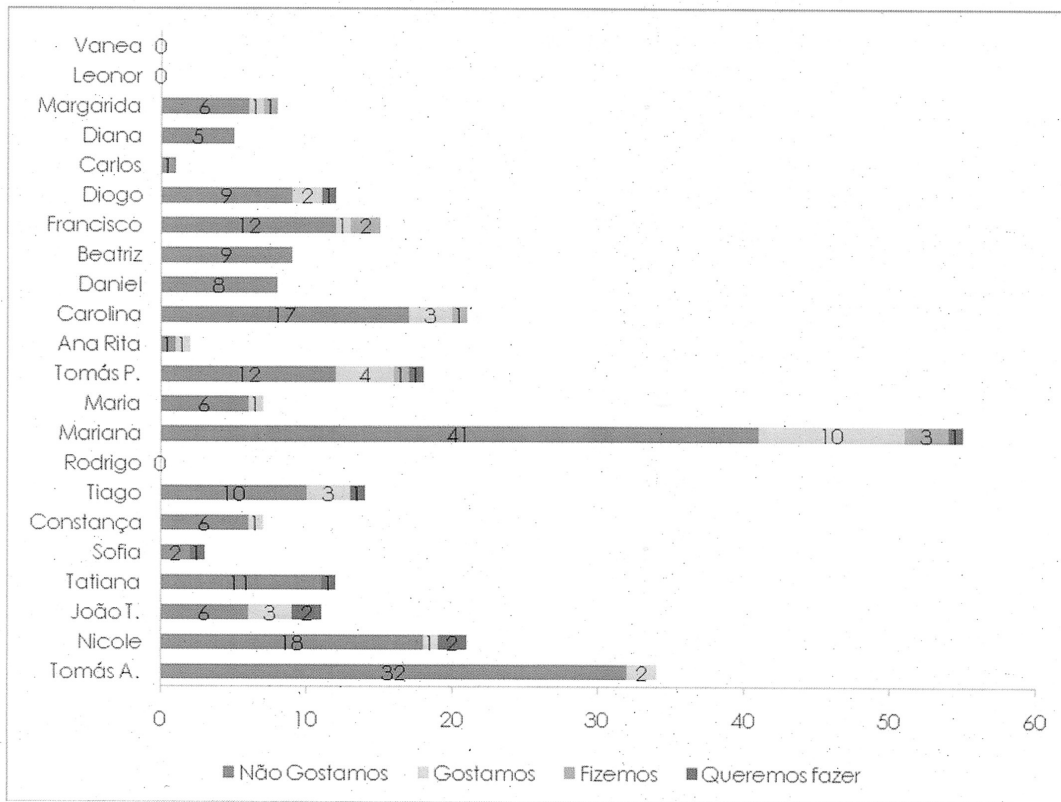


Gráfico 1 – Tipologia de Registos por Criança

escrever. Aos poucos, foram percebendo que podiam ter uma participação activa na discussão da vida do grupo e que o Diário era o instrumento que podiam utilizar para dar voz às suas opiniões. Assim, começaram por escrever (com rabiscos ou com a sua assinatura) no *Não Gostamos*, passando gradualmente às restantes colunas.

De facto, verificou-se que as crianças mais novas no grupo demoraram mais tempo para se apropriarem deste instrumento de pilotagem, como é o caso da Margarida (3 anos) que só escreveu pela primeira vez no mês de Fevereiro, podendo este ser o factor de justificação para duas das crianças que nunca escreveram, uma vez que têm 3 anos de idade, e iniciaram a frequência no Jardim de Infância mais tardiamente (em Novembro e em Março).

Quanto aos momentos em que escreveram,

as crianças adoptaram o acordo interno da sala de evitarem interromper alguns momentos de trabalho para contarem o que aconteceu, e foram registando as ocorrências ao longo do dia, à medida que iam acontecendo, para se poderem pronunciar sobre o acontecido no final do dia. Esta atitude estendeu-se às várias colunas. Os momentos de balanço do dia basearam-se, essencialmente, na clarificação dos registos das crianças e na escrita da coluna *Fizemos* (Gráfico 2).

Os dados apurados neste estudo permitem concluir que as crianças escreveram, sobretudo, na coluna designada por *Não Gostamos*, parecendo as ocorrências negativas serem as mais frequentes ou as que as crianças mais valorizam, tendo a sua discussão afectado a vida do grupo durante o tempo em que decorreu esta pesquisa.

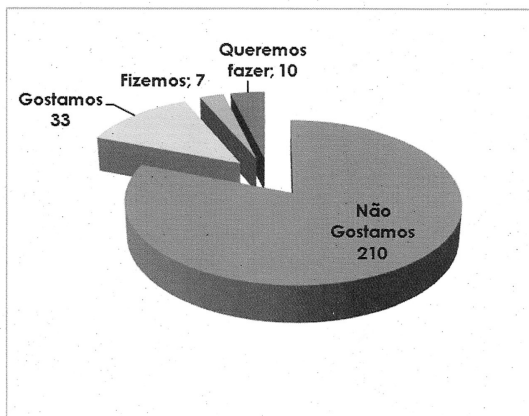


Gráfico 2 – Distribuição dos Registos inseridos no Diário de Turma

No início de uma reunião de Conselho de 6.^a feira, ao fazermos uma primeira análise sobre o Diário de Turma, consegui registar os seguintes comentários das crianças:

– O Não Gostamos voltou a ganhar e isso é um sinal mau. João T. (5 anos)

– Está grande. Margarida (4 anos)

Como houve vários registos de que os autores não se lembravam da ocorrência que os levou a escrever, o João T. comenta:

– Então é porque não era importante... se não escrevessem o que não é importante, o Não Gostamos estava mais pequeno!

– O Não gostamos e o Gostamos estão muito grandes. Tatiana (5 anos)

– Eu acho que o Gostamos está muito grande porque o Francisco ocupou muito espaço. Nicole (5 anos)

– O que nós fizemos está muito pequenino. Nicole (5 anos)

– Eu gostava que o Não Gostamos estivesse assim... (faz um gesto com as mãos, significando pequeno) João T.

Depois a Constança (5 anos) sugeriu que devíamos ler o Não Gostamos e ver se havia "queixinhas". Li e analisámos, em conjunto, o que era ou não "queixinhas". Havia sete ocorrências que achamos serem "queixinhas".

Concluímos que o desrespeito por regras já existentes era grave e que devíamos esforçar-nos por resolver os problemas a conversar e só escrever no Diário quando não o conseguirmos.

Nota de campo, 29 de Janeiro de 2010

Apesar das conversas em Conselho, o grupo parece não ter conseguido deixar transparecer, nos registos da coluna *Não Gostamos*, a diferença entre o que são ocorrências graves e as "queixinhas", havendo preferência por recorrer às acusações em vez do diálogo e da resolução autónoma dos conflitos. Houve também dificuldade em debruçar mais o seu olhar sobre as ocorrências positivas que, embora tenham acontecido, não ficaram registadas no Diário de Turma, resultando em apenas 33 inscrições, um número inferior à realidade dos acontecimentos, mas que traduz a forma como as crianças entendem a funcionalidade deste instrumento de regulação da vida do grupo.

Quanto às restantes colunas (*Fizemos* e *Queremos fazer*), foi curioso como as crianças também se apropriaram delas, querendo participar na sua escrita, embora a maioria dos registos tenha sido escrito pelos adultos devido a questões de organização destes momentos de Conselho. "Hoje fizemos o desenho do São Martinho. Tomás P." e "Fizemos palavras que começam pela letra 'C'. Mariana" são alguns exemplos de realizações que as crianças inseriram no Diário. "Quero fazer um trabalho sobre crocodilos. Tiago"; "Queremos fazer uma coisa para saber quando fazemos anos. Tatiana"; "Queremos fazer um bolo. Nicole"; "Queremos fazer a experiência do vulcão. João T."; "Eu quero enfeitar a nossa sala de Natal. Sofia" e "Eu quero fazer um projecto Porque é que as pessoas respiram? Tomás P." são exemplos de sugestões de trabalho que as crianças inseriram na coluna *Queremos fazer*, desde projectos de estudo, experiências, culinária, expressão plástica, demonstrando a diversidade de ideias que parecem possuir.

Pela análise dos registos das crianças no 1.^o período (gráfico 3), conclui-se que houve uma grande incidência sobre as ocorrências sócio-afectivas, sendo as categorias com maior número de registos a A1- Agressão física ou verbal, relativa a incidentes como "A Margarida bateu-me na cabeça. Tomás P." e "Eu não gostei que um menino me puxasse o cabelo. Tiago"; assim como a categoria A6- Conduta

desajustada, com situações como “Os meninos entraram na sala disparados. Tomás P.”, “O Carlos andou a correr nas escadas. Mariana” e “A Ana Rita mandou-me areia para a cara. Diogo” (ver Gráfico 3).

As ocorrências no âmbito da organização e funcionalidade da turma também foram muito frequentes, com um grande número de registos na categoria C1- Transgressão ou cumprimento de regras da sala, referentes a situações como “O Tiago passou-me à frente nas escadas. Tatiana”, “A Sofia não arrumou connosco o faz-de-conta. Nicole” e “Não gostei que o Tomás P. gritasse na sala. Mariana”; na categoria C2- Utilização de espaços e materiais referentes a episódios como “Falta uma peça do jogo de memória. Carolina” ou “A Margarida partiu um brinquedo do faz-de-conta. Diana”; e na categoria C3- Higiene e limpeza, com incidentes como “Não gostei que um menino deixasse uma bolacha no chão. Tomás P.” e “O Rodrigo entornou leite. Nicole”.

Estes dados dão a entender que, durante o 1.º período, as crianças estiveram a descobrir como conviver em grupo, a adquirir hábitos de trabalho e higiene, tentando ajustar o seu comportamento a padrões sócio-morais e a regras de convívio na sala, que foram elaboradas nesta altura a partir da discussão destas ocorrências registadas no Diário de Turma.

Em relação ao 2.º período, o número de registos relativos às ocorrências sócio-afectivas e à transgressão ou cumprimento de regras manteve-se elevado até Março, tendo havido um retrocesso do grupo após a interrupção lectiva do Natal. Gerou-se, então, uma fase em que as crianças escreveram menos no Diário de Turma, em que recorreram à agressão para a resolução de conflitos, com o “esquecimento” das regras da sala. Passo a ilustrar:

Este Conselho de 6.ª feira foi importante porque tivemos que fazer um balanço da nossa vida do grupo. Anteriormente já referi que o grupo, desde a

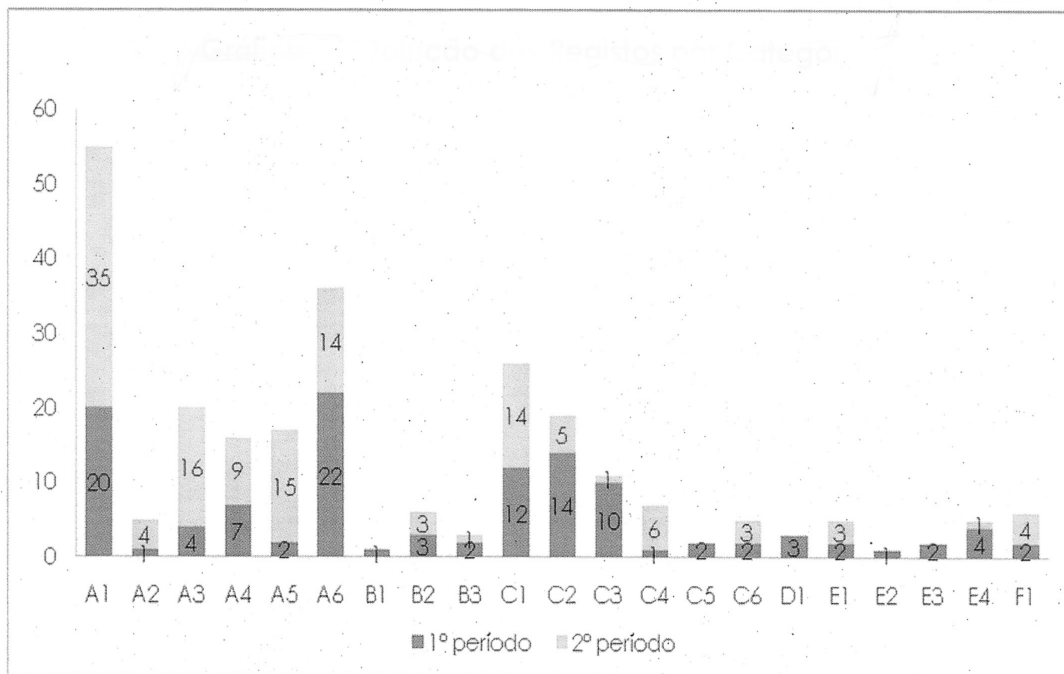


Gráfico 3 – Evolução dos Registos por Categorias

interrupção lectiva do Natal, não tem sido tão activo na redacção do Diário como antes, e, quando o faz, é essencialmente na coluna do Não Gostamos.

(...) ao ler o Diário, centramos a nossa atenção nos acontecimentos registados no Não Gostamos, relacionando-os com as regras de convívio social já existentes na sala. As crianças puderam verificar que, para cada caso, já havia uma regra na sala, só que não a estavam a cumprir. Para ajudar a relembrar, propus que cada um fizesse a ilustração das regras da sala.

Notas de campo, 21 de Janeiro de 2010

Por outro lado, pela recolha de escritos das crianças nota-se que, a partir de Janeiro, as crianças diversificam o tipo de registos relativos às ocorrências negativas e positivas, resultando num aumento de registos nas categorias A2, A3, A5 e C4, escrevendo mais sobre as questões dos afectos, da partilha, da responsabilidade e da organização do trabalho. São disso exemplos:

Eu não gostei que a Vanea chorasse. (Margarida)

A Ana Rita e a Tatiana foram para outra mesa e não ficaram ao pé de mim. (Nicole)

O Francisco não nos deixou jogar à bola. (Tiago)

O Tomás A. partilhou os marcadores comigo. (Tomás P.)

Não gostei que a Margarida não arrumasse o faz-de-conta comigo. (Tomás A.)

Eu não gostei que o João Tiago não tivesse esperado por mim para marcar as faltas. (Mariana)

Não gostei que a Carolina me deixasse sozinha a fazer o separador com a letra "Q". (Mariana)

Já fiz as actividades todas. (Diogo)

Por outro lado, as crianças parecem mais conscientes da influência dos comportamentos individuais na vida do grupo, explicitando, durante os Conselhos, as consequências destes actos. Passo a referir alguns exemplos:

A Carolina (4 anos) ao chegar à sala, vinda da casa de banho após lavar as mãos para o lanche, veio ter comigo:

– Aurora, sabes o que aconteceu?

Ouvi o que tinha para dizer e sugeri-lhe que escrevesse no Diário para falarmos mais tarde. Então, ela foi buscar o cartão da Sofia, escreveu no Não Gostamos e a seguir assinou. No final do dia contou aos colegas que "a Sofia foi lá abaixo (à casa de banho), apagou a luz e não lavou as mãos." Perguntei porque tinha escrito no Diário e respondeu-me: "Porque é um problema, porque eu não via nada a lavar as mãos".

Notas de campo, 26 de Janeiro de 2010

Hoje o Tomás P. (4 anos) fez uns rabiscos na coluna Não Gostamos. Quando lhe demos a palavra, explicou que, de manhã, havia pedido ao Tiago para mudar a data no calendário e que ele não o tinha feito. Mudar a data é mais uma tarefa da sala e, nesse dia, o Tiago não tinha o seu par. O Tomás disse aos colegas que tinha arrumado o seu trabalho sem pôr a data porque o colega não tinha feito a sua tarefa.

Notas de campo, 10 de Fevereiro de 2010

Comparativamente ao 1.º período, conforme os dados apresentados no gráfico 3, a mudança nos comportamentos das crianças também se reflectiu na diminuição de referências às condutas desajustadas, à utilização de espaços e materiais e à higiene e limpeza.

Os momentos em Conselho de Cooperação Educativa, quer de balanço do dia quer à sexta-feira, foram fulcrais para esta evolução nos registos do Diário de Turma.

O Francisco (4 anos) escreveu na coluna Fizemos: "O Rodrigo fez muitas bolinhas nos jogos de construção no Mapa de Actividades."

Imediatamente os colegas olharam para o Mapa de Actividades e constataram que era verdade! O Rodrigo estava a repetir a mesma actividade apesar da avaliação que tem vindo a ser feita no sentido de todas as crianças circularem pelas várias áreas de trabalho ao longo do mês.

Ao longo da conversa percebi que o Francisco se havia enganado na coluna e queria escrever no Não Gostamos, o que faz desta a primeira ocorrência negativa registada no Diário que implica uma avaliação das aprendizagens.

Mas o João T. (5 anos) observa que o Francisco também tem repetido actividades! O Francisco tenta justificar dizendo que "foi só três vezes e o Rodrigo foi muitas". Pedi aos dois que fossem ao Mapa de Actividades contar quantas vezes já haviam escolhido os

jogos de construção. O resultado foi três vezes, ou seja, todos os dias, uma vez que o mapa foi iniciado na segunda-feira, o primeiro dia do mês.

Notas de campo, 3 de Fevereiro de 2010

Desta forma, o Diário de Turma foi o meio que permitiu o desenvolvimento social e moral das crianças, assim como a adequação dos seus comportamentos no processo de aprendizagem. Ao escreverem, as crianças puderam levantar questões perante o grupo, para, em Conselho, discutirem sobre o assunto, e defenderem as suas opiniões, ajudando as crianças implicadas a resolver a questão e a procurar soluções alternativas, clarificando as ocorrências negativas e positivas registadas.

Outro aspecto muito debatido em Conselho foi a funcionalidade do Diário de Turma, o que é e para que serve, como exemplifica a seguinte transcrição:

Apesar das conclusões a que chegamos na reunião de Conselho da anterior sexta-feira, e que foram sendo reforçadas ao longo da semana, a coluna do Não Gostamos continua extensa.

Reflecti e achei que poderia ser positiva uma reflexão conjunta sobre o Diário. Preciso de um feedback das ideias que eles têm em relação à funcionalidade deste instrumento de pilotagem, pois pode ser este o cerne dos problemas que ocorrem diariamente.

Assim sendo, nesta sexta-feira o tema de debate do Conselho foi o que é o Diário e para que serve. De entre os vários comentários registei:

- Para escrever o que não gostamos*
- Para escrever as coisas que vamos fazer.*
- Não é para fazer “queixinhas”.*
- É para escrever coisas importantes.*
- Devemos vir ao Diário para resolver os problemas.*
- Para escrever coisas graves.*
- Para escrever coisas de que gostamos... coisas boas.*
- Para escrever o que fizemos.*
- Ir ao faz-de-conta é uma actividade... as actividades escrevem-se no Mapa de Actividades.*
- Para escrever os projectos.*
- Para escrever as coisas que nós mais queremos fazer.*
- Para fazer trabalhos.*

– O meu projecto “O que fazem os polícias?” já está no Diário!

Notas de campo, 5 de Fevereiro de 2010

Por estes comentários, percebe-se que, no geral, o grupo conhecia as várias colunas que compõem o Diário de Turma e o objectivo de cada uma delas. Os problemas cingiram-se mais à coluna do *Não Gostamos*. Enquanto algumas crianças procuraram escrever só as questões mais relevantes, evitando as “queixinhas” e procurando resolver os seus problemas de forma autónoma, outras crianças preferiam escrever logo no Diário.

Durante o 2.º período de actividade lectiva, aconteceu outro aspecto curioso relativamente à participação das crianças no Diário de Turma:

Hoje tenho a registar um aspecto da escrita livre das crianças no Diário que me despertou à atenção: as crianças também já escrevem aos pares!

Notas de campo, 2 de Março de 2010

A entreaajuda e a cooperação parecem ter-se estendido a aspectos mais práticos do Diário de Turma e as crianças começaram a escrever a pares relativamente a situações sobre as quais têm a mesma opinião: “Não gostamos que o Rodrigo passasse à frente.” Daniel e Mariana; “O Tiago empurrou-nos para nós andarmos no comboio.” Daniel e Tatiana; e “A Margarida não foi fazer o trabalho connosco.” Constança e Tomás A.

Para terminar, gostaria de poder dizer que as crianças aprenderam a dialogar e a resolver muitos dos seus problemas autonomamente e, por isso, os registos na coluna *Não Gostamos* diminuíram gradualmente, enquanto os registos das ocorrências positivas aumentaram, mas tal não é possível. Apesar de os resultados não corresponderem às minhas expectativas, através dos momentos colectivos em que o grupo se debruçava sobre problemas ocorridos, sobre questões afectivas, de sucesso, en-

tre outras, penso que cada criança aprendeu a ver-se a si própria como elemento de um todo (grupo), cujas acções influenciam, directa ou indirectamente, todos os outros, ou seja, o Diário de Turma foi o instrumento promotor do desenvolvimento moral que permitiu ao grupo constituir-se como uma verdadeira comunidade cooperativa.

Considerações Finais

Devo, ainda, frisar que a presente pesquisa é apenas uma pequena abordagem à complexa questão que é o Diário de Turma no modelo pedagógico da Escola Moderna Portuguesa.

Faz sentido recordar que o estudo aqui apresentado é uma visão parcial da realidade desta turma, uma vez que se refere exclusivamente aos registos escritos que as crianças fizeram nos Diários de Turma. Os seus resultados não podem ser vistos como absolutos, restringindo-se apenas a este grupo de crianças, a este contexto e à duração da pesquisa (de Setembro a Março). Esta limitação temporal não permitiu fazer um retrato longitudinal para ver as possíveis mudanças que ocorreram até ao final do ano lectivo.

Ao longo do percurso aqui efectuado, embora tenha procurado adoptar uma atitude científica, a proximidade aos acontecimentos e a envolvimento no próprio estudo podem ter influenciado alguns resultados.

Em virtude das opções tomadas e das limitações acima descritas, posso enunciar as seguintes conclusões:

- a gestão cooperada de conflitos facultou o desenvolvimento pessoal e social das crianças, reflectindo-se na mudança de atitudes individuais;
- a reflexão conjunta que se estabeleceu no

seio do grupo permitiu a vivência de valores democráticos;

- a cooperação estabeleceu-se como valor inerente nas vivências do grupo;
- o papel mediador dos adultos possibilitou o desenvolvimento da autonomia, da liberdade individual e da responsabilidade;
- a participação das crianças nas actividades de planificação e avaliação foi uma constante na prática pedagógica nesta sala de jardim de infância, uma vez que as crianças não deixaram de fazer registos no Diário, apesar das barreiras da leitura e escrita.

Em termos profissionais, esta modalidade de formação foi bastante proveitosa, uma vez que permitiu desenvolver uma metodologia de pesquisa, ensaiar a utilização de técnicas e instrumentos de investigação que poderão ser úteis para, no futuro, desenvolver outros projectos de investigação.

As leituras realizadas que constituíram o suporte teórico ajudaram a reconstruir aspectos da minha prática: por vários momentos dei comigo, na sala de jardim de infância, a olhar e ouvir as crianças ao mesmo tempo que reflectia sobre frases que tinha lido, fazendo uma simbiose entre a prática e a teoria; por várias vezes, durante as conversas em Conselho, e devido às leituras efectuadas, procurei fazer as crianças reflectir sobre o Diário. Só por isso, já valeram a pena!

Ao longo deste Programa de Investigação-Acção, Sérgio Niza sempre nos disse que o objectivo era *olhar apenas uma pequena coisa do que fazemos*. No entanto, um trabalho de investigação pressupõe uma postura de reflexão que nos transforma o olhar. Ao olharmos uma pequena coisa do que fazemos, modificamos a nossa atitude educativa e ficamos a pensar em muitas que podemos fazer para melhorar a nossa prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Alarcão, I. (2001) Professor-investigador: Que sentido? Que formação? *Cadernos de Formação de Professores*, 1, 21-30.
- Esteves, M. (2006) Análise de Conteúdo in J. Lima, e J. Pacheco, (org.). *Fazer Investigação – Contributos para a elaboração de dissertações e teses* (pp. 105-125). Porto: Porto Editora.
- Folque, M. A. (1999). A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar. *Escola Moderna*, 5 (5), 5-12.
- Lopes da Silva, I. (1997). Orientações Curriculares para o Ensino Pré-Escolar. Lisboa: Ministério de Educação.
- MEM (s/ d.). Modelo Pedagógico. www.movimentoescolamoderna.pt
- Niza, S. (1991). O Diário de Turma e o Conselho. *Escola Moderna*, 1 (3), 27-30.
- Niza, S. (1998). O Modelo Curricular de Educação Pré-escolar da Escola Moderna Portuguesa in J. Oliveira-Formosinho (org.), *Modelos Curriculares para a Educação de Infância* (pp. 137-156). Porto: Porto Editora.
- Niza, S. (2003). Editorial. *Escola Moderna*, 17 (5), 3-4.
- Nunes, C. (1989/1990). A Pedagogia Freinet e a educação moral e cívica. *Escola Moderna*, 1 (2), 15-20.
- Pires, J. (2003). O Planeamento no Modelo Pedagógico do Movimento da Escola Moderna. *Escola Moderna*, 17 (5), 23-67.
- Santo, J. A. E. & Pires, J. (2001). Influência dos Métodos Pedagógicos no Desenvolvimento Moral da Criança. *Escola Moderna*, 12 (5), 11-31.
- Serralha, F. (2001a). Evolução das decisões morais em contexto educativo – Modelo democrático de socialização. *Escola Moderna*, 11 (5), 32-40.
- Serralha, F. (2001b). Organização Cooperada e Desenvolvimento Sócio-Moral. *Escola Moderna*, 12 (5), 49-58.
- Serralha, F. (2009). Caracterização do Movimento da Escola Moderna. *Escola Moderna*, 35 (5), 5-50.
- Vieira, F. (2004). O Diário de Turma como Instrumento Curricular para a Construção Social da Moralidade: Os Juízos Sociais de Crianças e Adultos sobre Incidentes Negativos da Vida em Grupo. *Escola Moderna*, 20 (5), 5-28.